



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À
SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

MATHEUS CALCI FERREIRA GOMES

POLÍTICA LINGUÍSTICA E POLÍTICAS DE IMIGRAÇÃO NA ISLÂNDIA

Brasília
Maio de 2022

MATHEUS CALCI FERREIRA GOMES

POLÍTICA LINGUÍSTICA E POLÍTICAS DE IMIGRAÇÃO NA ISLÂNDIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro.

BRASÍLIA, DF

2022

MATHEUS CALCI FERREIRA GOMES

POLÍTICA LINGUÍSTICA E POLÍTICAS DE IMIGRAÇÃO NA ISLÂNDIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro
Orientador

Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho
(1º Membro da banca)

Profª. Drª. Alessandra Ramos de Oliveira Harden
(2º Membro da banca)

Agradecimentos

Conclui-se aqui mais uma etapa desse processo caótico que é a academia. Enfim acabou. Que venham as próximas etapas e desafios.

Agradeço a todos que, de alguma forma, seja positiva ou negativamente, passaram pela minha vida e contribuíram para o que eu me tornei hoje enquanto digito este breve texto.

Vou me abster de agradecer nominalmente a cada uma das pessoas mais próximas por dois motivos: O primeiro, é que são muitos ♥ e o segundo, é que eu, com certeza, cometeria o pecado de esquecer alguém.

Aos mais próximos, vocês sabem muito bem quem vocês são. E para cada um de vocês eu ofereço o meu mais apertado e aconchegante abraço e o meu **MUITO OBRIGADO**.

Lisonjeado fico em ter feito tantas amizades e conhecido tantas pessoas incríveis no curso de LEA (e não só) durante esses vários anos de graduação. Com certeza foi um dos momentos mais gratificantes e empolgantes dessa breve vida que vos digita.

Obrigado mais uma vez e boa leitura. Até logo.

RESUMO

Este artigo busca analisar como a Islândia, país europeu insular, lida com as questões pertinentes ao processo de imigração, refúgio e asilo. Quais são os processos que os solicitantes precisam passar, como é o processo para inserir estes indivíduos dentro da sociedade islandesa e seus desafios. Com este artigo, espero contribuir com a explanação e trazer à baila, em língua portuguesa, a situação relacionada a imigração. Seguindo desde a descoberta e povoamento da ilha em 864 D.C (KARLSSON, 2000) até os dias de hoje com a situação humanitária em lidar com solicitantes de asilo e refúgio (SIGURÐARDÓTTIR, 2010), com a necessidade do imigrante em realizar aulas de idioma e cultura islandesa e os seus desdobramentos (RAGNARSDÓTTIR, 2008) e a imersão dessas pessoas no mercado de trabalho islandês (BJORNSDÖTTIR PIEPER, 2006). Nota-se que mesmo com os diversos esforços do governo em tornar o ambiente social agradável e convidativo para os imigrantes, essa parcela sofre com preconceitos e resistência em se enquadrar como elementos sociais por não dominarem a língua com maestria ansiada pelo povo islandês, fora também a falta de intérpretes que saibam falar a língua materna de diversos imigrantes do oriente médio e de outros países europeus.

Palavras-chave: Imigração; asilo; refúgio; islandês.

ABSTRACT

This study aims to analyze how Iceland, an European insulate country, deals with issues related to the immigration, refuge and asylum process. What are the processes that applicants need to go through, what is the procedure to insert these individuals into the Icelandic society and its challenges. With this study, I hope to contribute to the explanation and mention, in Portuguese, the situation related to immigration. Going along with from the discovery and settlement of the island in 864 AD (KARLSSON, 2000) to the humanitarian situation in the present day dealing with asylum seekers and refugees (SIGURÐARDÓTTIR, 2010), with the immigrant's need to take language and Icelandic culture classes and its consequences (RAGNARSDÓTTIR, 2008) and the immersion of these people in the Icelandic labor market (BJORNSDÓTTIR PIEPER, 2006). It is noted that even the government's various efforts to make the social environment pleasant and inviting for immigrants, this portion suffers from prejudice and resistance to being accommodate as society members because they do not master the language in a masterfully desired level by the Icelandics, as well as the lack of interpreters who can speak the mother tongue of several immigrants from the Middle East and other European countries.

Keywords: Immigration; asylum; refugee; Icelandic

1. Introdução

Desde os primórdios da civilização humana urge-se a necessidade da migração, seja por conta de condições climáticas adversas, perpassando por escassez de comida, até condições de conflitos entre diferentes grupos sociais e étnicos. Com o passar das eras e, conseqüentemente, com o desenvolvimento tecnológico, mais e mais civilizações passaram a explorar fronteiras e migrarem para outros países e continentes.

Atualmente, com o crescente avanço da globalização e conseqüente “aproximação territorial” dos países, já que desde a época das Grandes navegações o planeta vem se tornando cada vez "menor", as influências de alguns países sobre outros é gritante. Dadas as condições de interesses em matérias-primas, por exemplo, entre as nações, somadas ao esgotamento dessas matérias, como água e/ou combustíveis fósseis, mais embates vêm a ocorrer pelo mundo, causando assim uma migração desenfreada entre povos. Isso sem contar as disputas culturais e religiosas. Dentre os tipos de migrações ocorridos de forma violenta, como, por exemplo, resultado de guerras e perseguições políticas e religiosas, podem ser classificadas em: asilo e refúgio.

Sobre diferença entre ambos, o CONARE — Comitê nacional para os refugiados — órgão colegiado vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública que trata dos assuntos pertinentes a pessoas em situação de refúgio no Brasil, explicita que: O termo asilo é empregado em casos de: Situação política individual; motivados pela perseguição por crimes políticos. Ou seja, é motivado, de modo específico, por questões políticas. Já o refúgio é aplicado quando: [se] A necessidade de proteção abarca um grande número de pessoas, onde a perseguição é por motivos mais generalizados, como motivos religiosos, raciais, grupos étnicos e políticos; a proteção se opera fora do país e tem por medida, caráter humanitário.

Como mencionado por Sigurðardóttir (2010),

A ideia de pessoa que se refugia é antiga e está presente em textos religiosos como o Velho Testamento e o Corão. As práticas da Grécia Antiga e de Roma, foram as que tiveram maior importância para os dias de hoje no quesito de asilo. Acredita-se que o asilo na Grécia Antiga tinha por objetivo proteger os sobreviventes de guerras de outros estados e os templos ou santuários de Roma serviam como abrigo para os refugiados (SIGURÐARDÓTTIR. 2010. p. 8).

No que tange ao fluxo migratório massivo, após a 2ª Guerra Mundial, o planeta passou por uma das maiores crises de refugiados de sua história. Mais de 40 milhões de pessoas se

deslocaram de seus locais de origem para diferentes partes do planeta. Como resultado, houve a preocupação de se criar leis internacionais que lidasse com a problemática do fluxo desenfreado de imigrantes.

Com o passar dos anos diversas das leis e tratados sobre refúgio e asilo foram se tornando mais qualificadas (BJÖRNSDÓTTIR PIEPER, 2006). No ano de 2015, o continente europeu vivenciou uma das mais sérias crises migratórias do século XXI. Milhões de sírios, turcos, iranianos, etíopes e outras pessoas de diferentes países do Oriente Médio e do continente africano chegaram na Europa através do mar mediterrâneo por motivos diversos, perpassa desde guerra civil até extrema miséria. Segundo a cartilha de migração montada pela UFRGS¹, mais de 2,7 milhões de paquistaneses e iranianos migraram de seus países de origem por conta de conflitos armados que ocorrem desde 1978 e por conta do terrorismo.

Muitos países europeus, que já possuem experiência em lidar com questões de migração como a Alemanha, Itália e países nórdicos como a Suécia e Noruega conseguiram, a seu modo, recepcionar alguns dos solicitantes, apesar de várias solicitações demoram a serem concluídas por conta de preconceito. A principal indagação deste trabalho é analisar e entender como um pequeno país europeu, e até então considerado “isolado” geopoliticamente, como a Islândia, lida com o processo de acolhimento de refugiados ou de pessoas em situação de asilo.

O foco sobre a Islândia é pelos seguintes motivos: População pouco miscigenada, falantes de apenas uma língua oficial e que pouco mudou desde sua origem, isolamento territorial, ser “menos relevante” politicamente que suas nações irmãs (como a Noruega e Suécia, por exemplo, e que possuem uma dinâmica mais elaborada em lidar com situações de imigração), entre outras situações. Como tal país conseguiu abarcar os refugiados que escolheram a nação, como o governo agiu perante a situação, quais as alternativas para diminuir a barreira linguística e cultural entre os povos e como essas pessoas são integradas na sociedade são algumas das questões trabalhistas, educacionais e sociais exploradas neste trabalho.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2. Islândia

A Islândia, país insular localizado entre a Groenlândia e a Europa continental. É banhado pelo oceano atlântico, de clima “equilibrado” com verões frescos a partir do meio do ano e invernos pouco frios, porém com bastante precipitação de neve. Suas temperaturas mais baixas não chegam a menos de -10°C (em regiões mais altas e geralmente não povoadas, as temperaturas podem ultrapassar mais de -20°C). A geografia do país se dá pela sua formação territorial quase completamente vulcânica. Com uma extensão territorial de 103000 km² abarca uma rica variedade de vulcões (mais de 200), glaciares (11% do território islandês (EINARSSON, 2010)), fiordes, rios, montanhas e lagos. Poucas vezes o país aparece em destaque na grande mídia; nos últimos anos a aparição da Islândia na mídia serviu, basicamente, para ilustrar os eventos geológicos mais comuns no território: Erupções vulcânicas.

Eyjafjallajökull, geleira islandesa que abriga um vulcão que, apesar de pouco perigoso (sua erupção anterior aconteceu em 1823), afastado de grandes centros urbanos, possui uma atividade vulcânica regular. Em 2010, ao contrário do que normalmente acontece, o vulcão expeliu quantidades fora do comum de fumaça e cinzas vulcânicas, causando transtorno em toda a malha aérea europeia (a figura 2 ilustra a situação). Diversos países precisaram cancelar todos seus voos e o tráfego europeu ficou estagnado por algumas semanas. O perigo era alto, já que a alta quantidade de silício no ar poderia causar explosões nas turbinas dos aviões.

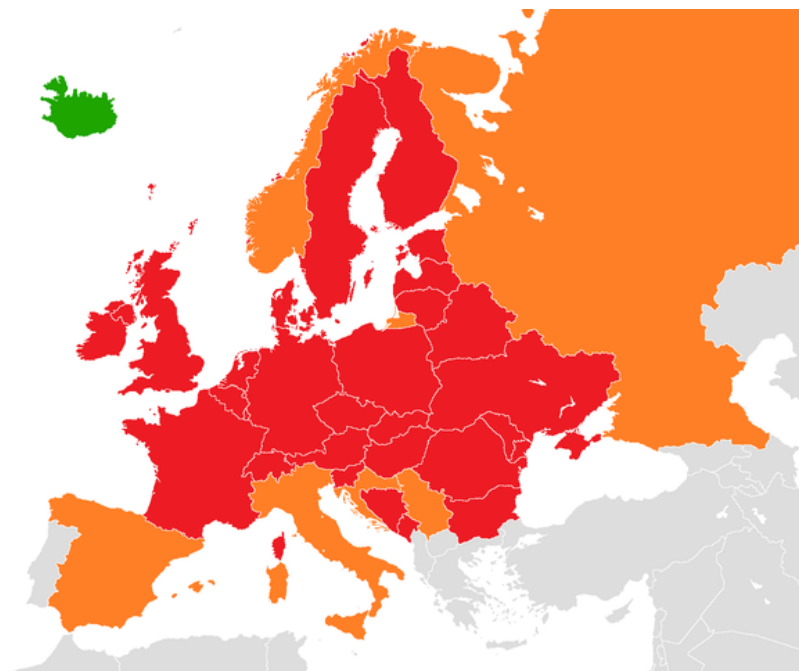


Figura 2 - Representação da malha europeia no ano de 2010². Fonte: Wikipédia, 2018.

De forma curiosa, e até mesmo engraçada, hoje em dia qualquer erupção de escala normal para os islandeses, mas “diferentes” para as sociedades pouco acostumadas com eventos piroclásticos, torna-se notícia. Como as erupções do *Grímsvötn*³ em 2010, do *Barðabunga* em 2014⁴ e em 2021, a erupção do *Fagradalsfjall*⁵, dessa vez atraindo mais pessoas pelas notícias alarmantes que a lava poderia chegar a capital *Reykjavík*, sendo que, na verdade, o vulcão se localiza na península de *Reykjanes*, que é onde se localiza a capital. Fora o “medo” da erupção do *Katla*, um dos vulcões mais fortes da Islândia que entrou em atividade pela última vez em 1918. A mídia já prevê e “aposta” no momento de uma possível erupção⁶ deste vulcão. Devido às constantes e costumeiras atividades vulcânicas, o país possui diversas medidas para conter o possível avanço do magma, fora outras desgraças ocasionadas pelas erupções. Os meios de contenção de danos e óbitos do país são tão seguros e bem elaborados, que o número de vítimas da erupção do *Eyjafjallajökull* em 2010, foi de apenas duas pessoas. Após a data, nenhuma vítima fatal em eventos piroclásticos e antes disso, só em

² Em vermelho, os países que suspenderam completamente suas atividades aéreas. Em laranja, países que continuaram com algumas operações. E em verde, a Islândia.

³ Disponível em: <https://www.visiticeland.com/article/2010-eyjafjallajokull-eruptions/>. Acesso em: 4 abr 2022.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/islandia-proibe-voos-sobre-vulcao.html>. Acesso em: 4 abr 2022.

⁵ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/erupcao-de-vulcao-na-islandia-chega-ao-dobro-do-normal-acompanh-e-ao-vivo/>. Acesso em: 4 abr 2022.

⁶ Disponível em:

<https://www.tsf.pt/internacional/lembra-se-do-eyjafjallajokull-o-vulcao-katla-pode-ser-tres-vezes-pior-9897484>. Acesso em 4 abr 2022.

1973, com a erupção do vulcão *Vestmannaeyjar*⁷, que causou o óbito de apenas uma pessoa⁸. Insta frisar que, a maioria das atividades vulcânicas ocorrem em áreas com pouca ou nenhuma concentração habitacional.

2.1. Descoberta e povoamento

Segundo Karlsson (2000), por volta do século IX depois de Cristo, foram encontrados registros da presença de monges irlandeses no país nórdico. Em conjunção, nos registros escritos do considerado primeiro historiador islandês, Ari Þorgilsson, em sua obra ‘O livro dos islandeses’⁹, afirma que os primeiros colonizadores nórdicos encontraram artefatos gaélicos quando chegaram na Islândia no ano de 868. Citando Dicuil (825), Karlsson afirma que os monges escoceses não ficaram na Islândia por não quererem conviver com pagãos escandinavos. De acordo com outro livro histórico islandês, o ‘Livro da colonização’, em tradução literal¹⁰, o país foi descoberto por um viking norueguês chamado Naddoddr. Não obstante, no mesmo livro, porém em outra versão, há o relato pontuando que, na verdade, o país foi descoberto por um sueco chamado Garðarr Svavarsson que almejava seguir até as Hébridas para clamar as heranças de sua esposa. Após uma tempestade, o homem se perde e desembarca na Islândia. Apesar das discrepâncias, ambas as versões concordam que o nome Islândia (*Ísland*, no original) foi cunhado por Flóki, o primeiro norueguês a tentar habitar o país e que, tragicamente, perdeu todos os seus mantimentos após um rigoroso inverno.

Buscando entender o motivo da migração do povo norueguês para um território até então desconhecido, com inverno rigoroso e inóspito, Karlsson afirma que segundo O livro da colonização, vários noruegueses fugiram por conta do comportamento agressivo do rei Haraldr Fairhair que almejava conquistar todo o território norueguês e impor suas próprias regras. Alguns fugiram para o território britânico, mais precisamente para a Irlanda; chegando a conquistar o território, facilitando as rotas para a Islândia, e outros foram direto para a Islândia. Apesar do pano de fundo ser uma fuga, ainda havia como objetivo principal a expansão territorial viking. Tanto que, o avanço continuou para áreas que são hoje parte da Groenlândia e territórios da América do norte.

⁷ Disponível em: <https://www.worlddata.info/europe/iceland/volcanos.php>. Acesso em: 13 abr 2022.

⁸ A título de curiosidade, o maior número de óbitos do país, por atividade vulcânica, foi em 1362, onde morreram 220 pessoas.

⁹ *Íslendingabók*, no original, é um dos, se não o primeiro registro escrito do período da colonização da Islândia durante os séculos IX e XII.

¹⁰ *Landnámabók*, no original. Outro livro escrito por Ari, o Sábio. Ao contrário do livro dos islandeses, este conta com detalhes o processo de povoamento da ilha durante os séculos IX e X.

Após o preâmbulo histórico acima, e agora localizando no período atual islandês, temos em toda sua extensão territorial, segundo o censo do país, uma população de 376.248¹¹ habitantes, sendo 14% (50.271 pessoas) desse conjunto de habitantes, formados por imigrantes.

3. Imigração, Asilo e Refúgio na Islândia

Considerada isolada do mundo e por não ter muito intercâmbio cultural, a Islândia preserva um sistema de vivência “similar” ao que se viveu desde os primórdios do processo de povoamento: a língua sofreu pouquíssimas modificações e a genética do povo islandês permanece pouco mutável. Visto que, nos dias de hoje, é necessário uso de aplicativos para descobrir se os/as parceiros/as não possuem algum tipo de parentesco entre si. Como afirma um dos idealizadores, Arnar Freyr Adalsteinsson, comenta: “[é] Um recurso simples, mas muito comentado. O “alarme de prevenção de incesto”, onde os usuários podem ativar no menu de opções e que é notificado quando a pessoas está se relacionando com um familiar próximo¹².”

Sabendo de algum dos fatores que tornam o país ainda mais isolado, e, em paralelo de ser um local muito procurado por habitantes de outros países nórdicos e europeus, o governo islandês busca trazer à luz questões políticas e sociais para “abraçar” aqueles que buscam um novo local para morar, apesar das barreiras linguísticas e sociais. Curiosamente a Islândia segue um processo oposto ao de suas nações irmãs, como a Suécia, que permite que os refugiados escolham a cidade onde irão permanecer.

Björnsdóttir Pieper (2006) afirma que o fato de mais de 300 mil pessoas viverem em uma ilha de 103 mil metros quadrados não tem muitas opções para oferecer para estrangeiros quando o assunto é oportunidade de emprego. Ou seja, não é a opção mais viável para quem almeja se mudar.

No quesito imigração, os solicitantes de outros países nórdicos podem entrar livremente sem a necessidade de um visto de trabalho prévio para poder trabalhar na Islândia. Já cidadãos do Espaço Econômico Europeu, podem permanecer por até seis meses em busca de emprego. Só podem solicitar residência após conseguirem o trabalho. E pessoas que

¹¹ Dados populacionais de 1º de janeiro de 2022. Disponível em: https://px.hagstofa.is/pxen/pxweb/en/Ibuar/Ibuar__mannfjoldi__2_bygdir__sveitarfelog/MAN02005.px/table/tableViewLayout1/?rxid=d283aec7-6564-4de7-a396-41ece8c973aa. Acesso em 14 de abril de 2022.

¹² Kissing cousins? Icelandic app warns if your date is a relative. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/business/kissing-cousins-icelandic-app-warns-if-your-date-is-a-relative>. Acesso em: 02 abr 2022.

moram fora do Espaço Econômico Europeu precisam ter uma solicitação de residência antecipada, antes de entrar no país. Insta frisar que o visto permanente de moradia só é garantido para aqueles que vivem no país, de forma legal, durante três anos e, junto desse período, é necessário concluir um curso do idioma islandês com duração de 150 horas. O curso é realizado e conduzido pelo ministério da justiça islandês¹³. Após sete anos morando no país, o habitante estrangeiro pode solicitar o visto de cidadania; já cidadãos de outros países nórdicos podem solicitar após cinco anos.

3.1. Solicitantes de asilo e refugiados

A Islândia é, desde 1951, integrante da Convenção de Dublin¹⁴. Por conta de ser um país insular e distante da Europa continental, o solicitante de asilo precisa entrar em um país membro do Espaço *Schengen* antes de, enfim, chegar ao país.

De acordo com Björnsdóttir Pieper (2006), o primeiro grande grupo de refugiados a chegar na Islândia foi de vietnamitas, pelos idos dos anos 70, mas antes disso desde 1956 a Islândia recebe refugiados (JÓNSDÓTTIR; RAGNARSDÓTTIR, 2010). Podemos aqui supor, que vieram fugidos da guerra do Vietnã que ocorreu entre os anos de 1959 até 1975.

Björnsdóttir Pieper pontua a entrada de pessoas vindas da antiga Iugoslávia e que, recentemente — levando em conta o ano do artigo escrito pela autora, 2006 — começaram a chegar grupos advindos da Colômbia. Como política de habitação de regiões fora dos grandes centros urbanos, muitos dos refugiados são colocados em cidades pequenas (KRISTJÁNSDÓTTIR; SKAPTADÓTTIR, 2018). Um fator pouco comentado dentro de estudos sobre imigração e refúgio, é acerca da questão de mães solteiras que precisam migrar por conta de perseguições sociais e sexuais.

A Islândia é considerada uma das nações mais igualitárias do mundo e também faz parte do programa “*Women at Risk*” que se debruça na preocupação da proteção de mulheres.

Seguindo a promessa de ir viver em um país progressista e pelo fato de mães solteiras não sofrerem perseguições, muitas refugiadas, principalmente vindas do Oriente Médio, buscam um melhor modo de vida no “país do gelo”. Apesar dos esforços islandeses em acondicionar a cota de refugiados, infelizmente se tem deficiências dentro do programa.

¹³ *Dómsmálaráðuneytið*, no original.

¹⁴ É uma lei para agilizar os processos de refúgios para os países signatários. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/ALL/?uri=celex%3A41997A0819%2801%29>. Acesso em: 19 abr 2022.

Responsável pela escolha de cidades e municípios que receberão os refugiados, o Ministério da fazenda islandês¹⁵ decide o destino de tais refugiados.

Não obstante, várias das cidades selecionadas não possuem experiência em lidar com refugiados, no caso de refugiadas muçulmanas, não se tem mesquitas e tampouco comunidades islâmicas e, sem ser algo surpreendente, nenhum dos habitantes falam as línguas maternas desse grupo de refugiados (KRISTJÁNSDÓTTIR; SKAPTADÓTTIR, 2018). As cidades são escolhidas, em destaque, pelo seu pequeno tamanho e, conseqüentemente, facilitar o processo educacional fundamental e serviços sociais e de saúde básica.

Em cooperação com a Cruz Vermelha, às famílias que chegam à Islândia são fornecidos auxílios de intérpretes em inglês e de apartamentos mobiliados enquanto esperam o deslocamento para a destinação final. O governo junto com a Cruz Vermelha aspiram que após o primeiro ano já seja possível a obtenção de empregos, o que se torna verdade na maioria dos casos (KRISTJÁNSDÓTTIR; SKAPTADÓTTIR, 2018).

Uma vez imersos dentro da sociedade islandesa, os refugiados precisam concluir aulas de língua islandesa e aulas sobre os direitos, deveres e valores culturais islandeses. Infelizmente, de modo geral, imigrantes sofrem preconceito, principalmente pelo fato de não conseguirem aprender a língua. São acusados de não se esforçarem o suficiente em aprender os valores culturais perpassados no país em que se encontram. Fora o fato da xenofobia contra islâmicos crescer cada vez mais, após os eventos do 11 de setembro. De modo similar, o mesmo ocorre com imigrantes poloneses, como dito por uma jovem polonesa que vive na Islândia:

(...) Eu comecei a me sentir pior quando comecei a entender mais [da língua]. Quando eu comecei a ler os jornais. Não estou dizendo que li todos os jornais, porém eu entendo o ponto principal do artigo e as vezes é demais [o preconceito]. Às vezes eu prefiro nem lê-los pois sei que eles vão escrever essas coisas ruins (ÓLAFS E ZIELIŃSKA. 2010. p.76).

3.2. O ensino escolar da língua islandesa

Neste ponto do artigo divido o tópico da educação em dois pontos distintos: o infantil e a educação do adulto no que diz respeito às suas aspirações em se inserir na sociedade e no mercado de trabalho. Como já mencionado anteriormente, os refugiados precisam cursar aulas

¹⁵ *Velferðarráðuneytið*, no original.

de idioma islandês e para as crianças, há a necessidade de frequentarem os ensinamentos básicos e obrigatórios do país.

Sabe-se que, desde 1907, o sistema educacional islandês tornou obrigatório a educação básica dos cidadãos (JÓNASSON, 2008). Desde os anos 1974 o sistema educacional islandês é dividido em quatro etapas distintas. A pré-escola¹⁶, o primeiro nível da organização educacional islandesa é voltado para crianças de até seis anos de idade. É nesta fase que se inicia o processo educacional obrigatório no país. O segundo nível¹⁷, que podemos comparar com o fundamental (I e II) e médio brasileiro, consiste no ensino de crianças e adolescentes entre as idades de 6 a 16 anos e é dividido em duas partes. O terceiro nível¹⁸, não obrigatório, contempla alunos entre 16 e 20 anos, porém para ser realizado o aluno precisa concluir a etapa anterior. A quarta e última fase, também não obrigatória, é o ensino superior¹⁹.

Jónsdóttir e Ragnarsdóttir (2010), pontuam que os dez maiores grupos de imigrantes islandeses vieram de países como Polônia (8488), Lituânia (1332), Alemanha (984), Dinamarca (966), Portugal (890), Filipinas (743), países da antiga Iugoslávia (651), Estados Unidos (598), Tailândia (545) e Letônia (431); já refugiados que foram aceitos, desde 1959, foram 481 e vieram da Iugoslávia, Polônia, Vietnã, Colômbia e Hungria.

Desde os anos 50 o país recebe pessoas falantes de outros idiomas, que levaram suas famílias e que, conseqüentemente, tais crianças necessitam de educação formal. Os que permanecerem no país conseqüentemente formarão famílias e manterão o uso do idioma original. Em 2007, 1571 crianças, ou 9% das crianças em idade pré-escolar, tinham outras línguas maternas além da língua islandesa (Censo islandês, 2008).

Infelizmente, apesar dos esforços, muitas das escolas são pouco preparadas para lidar com diversos desafios que as crianças refugiadas precisam defrontar, como aprender um novo idioma enquanto encaram sistemas educacionais e sociais desconhecidos. O corpo educacional de escolas geralmente é compreensivo e tenta ao máximo oferecer suporte às famílias e crianças refugiadas. Muitos desses profissionais se queixam da falta de suporte dos municípios, após o período inicial de preparação oferecido pelo governo (RAGNARSDÓTTIR, 2020).

Não só os profissionais responsáveis por auxiliar as crianças refugiadas a aprender a nova e difícil língua, os próprios pais se preocupam com a questão de seus filhos preservarem sua língua materna, apesar de terem noção de que aprender islandês o mais rápido possível é

¹⁶ *Leikskóli*, no original.

¹⁷ *Grunnskóli*, no original.

¹⁸ *Framhaldsskóli*, no original.

¹⁹ *Háskóli*, no original.

bem mais importante, já que sofrem de algum tipo de marginalização em seus primeiros anos no país (RAGNARSDÓTTIR, 2008).

3.2.1 - O projeto multicultural de *Lækjaborg*

Entre os anos de 2001 a 2004, em uma escola de ensino pré-escolar, *Lækjaborg*, localizada em Reykjavík, foi proposta uma atividade de ensino realizada por uma equipe multicultural de professores e supervisionada por dois professores da Universidade da Islândia. O projeto tinha por objetivo:

- a. Ensinar as crianças que, mesmo sendo diferentes, elas são iguais;
- b. Reconhecer as origens linguísticas e culturais dos infantes e valorizar o bilinguismo na pré-escola;
- c. Garantir que o trabalho escolar, o currículo e o ambiente escolar reflitam a diversidade;
- d. Desenvolver as competências das equipes e suas habilidades para ensinar as crianças de origens diferentes a formar parcerias com os pais.

Uma das propostas principais era fazer com que as línguas maternas das crianças, de nacionalidades diferentes, que totalizavam entre 10 e 12 idiomas, fossem valorizadas e notadas dentro do ambiente escolar. Um dos professores da equipe de ensino era de origem tailandesa e, algumas vezes, lia histórias em tailandês para as crianças. No final do projeto, a equipe concluiu que a melhor forma de ensinar uma segunda língua para crianças pequenas era por meio de atividades em grupos de duas pessoas. Era importante, também, que as crianças ouvissem os diferentes idiomas na comunicação interativa entre adultos e crianças, o que ocorreu em todas as atividades propostas (JÓNSDÓTTIR; RAGNARSDÓTTIR, 2010).

Ainda que haja a preocupação por parte do governo em facilitar e homogeneizar o processo de ensino para crianças, a capital do país possui muito mais recursos para lidar com a situação do que as cidades mais afastadas, ou rurais. De forma curiosa, uma lei proposta pelo governo de Reykjavík para enfatizar e facilitar a integração e o trabalho para com crianças imigrantes através de métodos de ensinamentos diferenciados e suporte bilíngue além da cooperação com os pais (WOZNICKA; GUÐJÓNSDÓTTIR, 2019 e Reykjavíkurborg²⁰, 2014) contrasta com a verdadeira situação das escolas rurais onde os professores precisam

²⁰ Cidade de Reykjavík..

lidar com diferentes questões administrativas e organizacionais, assim como precisam lidar com os desafios e questões das próprias comunidades (MCHENRY-SORBER; SCHAFFT, 2015). Dentro do sistema educacional rural, a participação dos pais é mais observada do que nas escolas urbanas (THELIN; SOLSTAD, 2005). Já estudantes universitários imigrantes também estudam o idioma islandês em universidades como a Universidade da Islândia ou em outras instituições de ensino superior que oferecem o curso (KRISTINSSON, 2018).

3.3. Mercado de trabalho

Como anteriormente pontuado no artigo, o imigrante precisa passar por uma série de cursos para, ao menos, tentar obter a nacionalidade. Assim como é reflexo em todo o mundo, a mão de obra estrangeira é mais barata no mundo inteiro e na Islândia não poderia ser diferente. Os imigrantes na Islândia são vistos como uma mão de obra barata e bastante conveniente (BJORNSDÖTTIR PIEPER, 2006).

Unindo a “fome mais a vontade de comer”, o governo islandês recebe de braços abertos tais trabalhadores, pois eles procuram melhores oportunidades no país. O esforço é bem visto pelo governo, já que contribui para a economia do país, porém não há esforços do governo para beneficiar tais indivíduos enquanto estão no país. Ainda em Bjornsdóttir Pieper (2006), a taxa de imigrantes contratados é cerca de 96%, porém muitos não são enquadrados em solicitantes de asilo ou pessoas em situação de refúgio. A resistência vem da própria cultura islandesa que preza a perfeição linguística do idioma islandês, como afirma a antropóloga Guðrún Margrét Guðmundsdóttir: [Os islandeses] estão mais preocupados com as habilidades linguísticas [do islandês] das pessoas (BJORNSDÖTTIR PIEPER, 2006).

Frisa que o povo islandês ressalta a importância e a preservação da língua que permanece quase imutável desde seu surgimento,

Os islandeses demonstram a obsessão na ênfase de que para se tornar islandês deve-se falar corretamente o idioma ao ponto de criticar aqueles que cometem pequenos deslizes. O realce no ensino do islandês para imigrantes de todas as idades é pertinente pois pode desenvolver, com maior segurança, a confiança do trabalhador e torná-lo parte da sociedade sem sofrer discriminação. Uma sugestão seria o governo fornecer tempo livre do trabalho para que o imigrante possa frequentar aulas do idioma (BJORNSDÖTTIR PIEPER.2006. p. 55).

Durante a onda migratória entre 2004 e 2008, rapidamente o país recebeu diversos estrangeiros, particularmente pessoas do sexo masculino, por isso houve um aumento do setor da construção civil (ELÍASSON, 2016).

Em 2004, o governo islandês promulgou leis protegendo os direitos dos trabalhadores estrangeiros, tornando-os iguais aos trabalhadores nativos no que diz respeito a jornadas de trabalho e salário mínimo, independentemente de estarem em trabalhos temporários ou não. Entretanto, percebe-se que, fora do mundo ideal, diversos empregadores não cumprem a lei e tiram alguns direitos dos trabalhadores estrangeiros, já que nem todos têm noção de seus direitos (ÓLAFSDÓTTIR, 2020) pois muitos enfrentam dificuldades com o idioma, com as relações trabalhistas islandesas e são vistos como cidadãos de segunda classe (HERMANNSDÓTTIR, 2019).

A dificuldade de inserção e da prática do idioma, geralmente, ocorre por trabalharem em empresas que só contratam imigrantes, já que muitos deles têm pouco conhecimento de seus direitos e, por isso, é mais fácil para seus empregadores enganá-los.

4. Profissionalização de intérpretes

Nota-se que há, apesar de pouco esmero, a preocupação por parte do governo em receber, lidar e inserir os imigrantes em seu país. Dentro do esforço governamental, há também pessoas que migraram para a Islândia, conseguiram seus vistos e hoje são cidadãos do país que se voluntariam para programas de tutoria organizados, como grupos de vietnamitas que migraram há vários anos e hoje possuem experiência no auxílio de outros migrantes asiáticos; curiosamente, o islandês não possui costume de se voluntariar para atividades com imigrantes (BJORNSDÓTTIR PIEPER, 2006). Há a necessidade da capacitação de profissionais para lidar com a situação do auxílio de imigrantes com pouca ou nenhuma experiência com o idioma islandês.

Já citada anteriormente, a Universidade da Islândia foi fundada em 1911, enfatizando os preceitos de igualdade entre gênero, classe social, classe econômica e religião. Dentro dos diversos cursos que a instituição de ensino possui estão duas bastante particulares para a análise no presente artigo:

- Applied conference Interpreting. Pós-graduação, 60 ECTS²¹ e;
- Conference Interpreting. Mestrado. 120 ECTS.

²¹ Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos.

No curso de pós-graduação, são estudadas disciplinas como os fundamentos da interpretação, tradução na europa, uso e expressão da língua, disciplinas culturais sobre idiomas como o inglês, espanhol e alemão (ESCOBEDO, 2011).

No do mestrado são ensinadas disciplinas de escrita e gramática, disciplinas culturais, estrutura governamental e histórica do dinamarquês. Ambos os cursos são bastantes similares, porém o mestrado o aluno precisa realizar um projeto final e se estuda de forma mais aprofundada questões culturais dos/relativos a idiomas mencionados. Houve a necessidade de fornecer cursos profissionalizantes para futuros intérpretes, pois o governo tem como objetivo que a Islândia também possa participar de forma mais ativa dentro do Conselho Europeu (ESCOBEDO, 2011).

Devido ao fato do idioma islandês ser muito complexo e difícil para imigrantes, urge que haja profissionais aptos a facilitar todo o processo migratório de pessoas e, por isso, centros de acolhimentos são montados como, por exemplo, o Centro Intercultural²², que promove interações entre pessoas de diferentes culturas e visa diminuir comportamentos xenofóbicos. O centro também oferece auxílio para o imigrante acerca de ofertas de emprego, moradia, questões de saúde e educação. Localizado em Reykjavík, possui cerca de 300 intérpretes que atuam em 60 idiomas.

Já em outra cidade, Hafnarfjörður, a 10 km da capital, temos o Centro de Igualdade²³ cujo objetivo é facilitar o processo de naturalização do estrangeiro. O centro oferece bastante suporte para intérpretes e oferece cursos para melhor aplicabilidade da interpretação.

5. Considerações finais

Pode-se constatar a importância e a necessidade das aulas de islandês para que a parcela de imigrantes que integra a população sinta-se imersa dentro da cultura e que possa compartilhar a noção de pertencimento em conjunto com o resto da população, mesmo que, no fundo, tais pessoas nunca se tornem, de fato, islandeses como segue o ensejo do povo islandês em manter a perfeição idiomática. Apesar do desejo e necessidade de estar imerso, de fato, na sociedade islandesa, a preocupação principal de famílias que buscam a Islândia para ter melhores condições de vida ainda existe o desejo de manutenção da cultura de origem, assim como a proteção da língua original, durante o crescimento dos infantes.

²² Alþjóðaseturs, no original.

²³ Jafnréttishús, no original.

Erla Kristjánsdóttir e Unnur Skaptadóttir (2018), em um estudo no qual entrevistaram mulheres muçulmanas, pontuam o relato de uma das entrevistadas cuja preocupação é que seus filhos esqueçam a língua materna caso parem de usá-la. Já outra, diz:

Quando estamos em casa, é como se não vivêssemos na Islândia. Nós conversamos [na língua materna], rezamos e fazemos tudo o que queremos. Nossa casa é nosso reino. Não invadimos a cultura islandesa e não deixamos que a cultura islandesa nos invada. (KRISTJÁNSDÓTTIR; SKAPTADÓTTIR. 2018. p. 9).

Quando se debruça sobre um assunto muito sensível e não muito flexível como cultura (dentro do termo cultura abarco a língua e a religião), o processo de aceitação por ambas as partes envolvidas no processo de naturalização torna-se mais espinhoso. Não obstante, o povo islandês preza muito pelo domínio da língua islandesa, o que torna ainda mais trabalhoso o processo de aprendizado do imigrante que precisa conciliar seu tempo entre o curso de idioma, o trabalho e cursos de sociedade islandesa.

Há sim uma preocupação genuína do governo em lidar com o grupo de imigrantes. Porém, após aceitos, acabam sendo abandonados à própria sorte e em situações pouco convidativas no que diz respeito à adequação social em pequenos centros urbanos, como aqueles que são enviados para centros mais rurais do país, ou seja, longe da capital. Um observador externo, percebe que, na verdade, a situação é completamente diferente, apenas há uma preocupação inicial e depois os imigrantes, os voluntários e os profissionais que auxiliam os imigrantes precisam agir por conta própria para solucionar eventuais problemas.

Dubus (2019) parafraseia um dos professores de islandês responsáveis em ensinar o idioma para refugiados e o professor afirma:

Ensinamos a língua para estrangeiros. Mas como você sabe, nós precisamos conhecê-los [os imigrantes] muito bem. Eles nos mostram cartas e pedem para que nós traduzamos. Nós os ajudamos também a assinar os formulários. Somos mais gestores de processos do que instrutores de idioma (DUBUS. 2019. p. 7).

Há também a deficiência no aprendizado de crianças imigrantes que possuem dificuldades em compreender o que está sendo ensinado por não possuírem conhecimento vocabular suficiente (ÞÓRÐARDÓTTIR; JÚLÍUSDÓTTIR, 2012). os adultos apresentam as mesmas questões de dificuldade, já que muitas vezes, em uma mesma turma, são colocados diversos imigrantes com níveis diferentes de compreensão linguística do idioma islandês. A

discrepância de nível acaba sendo pouco produtiva e muitos deles acabam abandonando o curso (KRISTJÁNSDÓTTIR; SKAPTADÓTTIR, 2018).

Outro fator que pode ser observado em todo o processo islandês acerca do acolhimento de refugiados é pelos eventos recentes, evidenciando a situação similar de outros países europeus, fora as leis mais concretas sobre o assunto terem sido criadas ainda mais recentemente. Existem poucos estudos acerca da situação islandesa de migração, ainda mais quando se trata de refugiados e solicitantes de asilo. Mais futuramente haver-se-á mais materiais e pesquisas acerca dos temas já que a Islândia precisou lidar com entradas massivas de sírios no ano de 2015 e agora mais recentemente com a crise gerada pelo embate da Rússia contra a Ucrânia e a migração em massa de ucranianos para outros países europeus.

Já existem alguns grupos de islandeses em redes sociais como o Facebook²⁴ que buscam acolher refugiados ucranianos, mas até a conclusão deste artigo não havia muitos resultados ou relatórios sobre isso. Apenas futuramente poderemos saber como o país estará no que diz respeito ao idioma, que dessa vez e novamente irá confluir com outros idiomas e, também a relação genética, já que as próximas gerações de islandeses serão mais miscigenadas por conta da troca genética entre os islandeses e imigrantes de outros países.

Leis e tratados mais eficazes e políticas sociais serão criadas e, quem sabe, nas próximas gerações haverá menos problemas e entraves no que diz respeito a aceitação e naturalização desses indivíduos.

²⁴ Support Ukraine Iceland. Disponível em: <<http://https://www.facebook.com/groups/478335487091076>>. Acesso em: 08 mai 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BJORNSDÖTTIR PIEPER, S. B. An evaluation of immigration and integration policies with respect to the muslim community in Iceland. **Durham theses**. Durham University, Durham, p.1-158, nov. 2006. Disponível em: <http://etheses.dur.ac.uk/787/>. Acesso em: 4 abr 2022.

CHEN, F.; RAGNARSDÓTTIR, H.. Single-parent immigrant families in Iceland: Lives and educational experiences of their children. **Netla - Online Journal on Pedagogy and Education**, University of Iceland, p.1-20, dez. 2014. Disponível em: <https://skemman.is/bitstream/1946/20627/1/Single-parent.pdf>. Acesso em: 25 abr 2022.

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados. Entenda as diferenças entre refúgio e asilo. Brasília, DF: **CONARE**, c2014. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/entenda-as-diferencas-entre-refugio-e-asilo>. Acesso em: 5 abr 2022.

DUBUS, N. Welcoming refugee families: A qualitative study of 20 professionals' views of resettlement of Syrian families in Iceland. **International Social Work**, [S.l.: s.n.], p.1-13, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0020872818820411>. Acesso em 21 abr 2022.

EINARSDÓTTIR, Þ.; HEIJSTRA, T. M.; RAFNSDÓTTIR, G. L. The politics of diversity: Social and political integration of immigrants in Iceland. **Stjórnmal & stjórnsýsla**, v.14, n.1, p.131-148, mai.2018. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/c6b0d6583f2dbb5827bbdf20ac69890a/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2032137>. Acesso em: 21 abr 2022.

EINARSSON, M. Á. **World Survey of Climatology: Climates of the Oceans**. Elsevier, Amsterdã, v.15, p. 673-697, 1984. Disponível em: http://blog.m0le.net/streisand.me/autoblogs/refletsinfo_5efe27982e35e61b381760cd425aa17aa8d2dc43/media/cadee3c6.Einarsson.pdf. Acesso em: 19 abr 2022.

ELÍASSON, L. Icelandic boom and bust: immigration and the housing market. **Housing Studies**, Londres, Routledge, v.32, n.1, p.35-59, mai. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02673037.2016.1171826>. Acesso em: 22 abr 2022.

ESCOBEDO, M. T. **Interpreting in Iceland**. 2011. 26 f. Trabalho de conclusão de curso – Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2011. Disponível em: https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/16095/Torralba_Escobedo_Maria_Interpreting_in_Iceland.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 30 abr 2022.

GUNNTHÓRSDÓTTIR, H.; RAGNARSDÓTTIR, H. Challenges and opportunities in the education of students with immigrant background in Iceland. **Education in the North**. University of Aberdeen, n.27, p. 106-117, 2020. Disponível em: https://aura.abdn.ac.uk/bitstream/handle/2164/15674/Gunnthorsdottir_etal_EITN_Challenges_And_Opportunities_VOR.pdf?sequence=1. Acesso em: 18 abr 2022.

HANSEN, B. Transnational Influence and Educational Policy in Iceland. **Transnational Influences on Values and Practices in Nordic Educational Leadership: Is There a Nordic Model?**. Nova York: Springer, p.49-60, 2013. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-007-6226-8_4. Acesso em 8 abr 2022.

HARÐARDÓTTIR, E.; MAGNÚSDÓTTIR B. R.; DILLABOUGH, J. Understanding the politics of inclusion, the ‘refugee’ and nation: analysis of public policies and teacher narratives in Iceland. **International Journal of Inclusive Education**, v.25, n.2, p.239-258, dez. 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13603116.2019.1707306>. Acesso em: 04 abr 2022.

HERMANNSDÓTTIR, N. “What greets foreign workers in Iceland: Wage theft and abuse.” **ASÍ**, [S.l.: s.n.], set 2019. Disponível em: https://www.asi.is/media/315910/what-greets-foreign-workers-in-iceland-wage-theft-and-abuse_eng.pdf. Acesso em: 19 abr 2022.

Immigrants 15.2% of the population of Iceland. Statistics Iceland, Reykjavík, 16 set. 2020. Disponível em: <https://www.statice.is/publications/news-archive/inhabitants/immigrants-and-persons-with-foreign-background-2020/>. Acesso em: 17 abr. 2022

INGÓLFSSON, Ó. The dynamic climate of Iceland. Reykjavík. Disponível em: https://notendur.hi.is/oi/climate_in_iceland.htm. Acesso em 5 abr 2022.

JÓNASSON, J. T. Gunnskóli verður til. **Almenningsfræðsla á Íslandi 1880–2007**, Reykjavík, p.102–117, 2008.

JÓNSDÓTTIR, E.; RAGNASDÓTTIR, H. Multicultural education in Iceland: Vision or reality? **International Education**, Reykjavík, v.21, n.2, p.153-167, abr.2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14675981003696289>. Acesso em: 18 abr 2022.

KARLSSON, G. **History of Iceland**. 1 ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003. 420 p.

KRISJÁNSDÓTTIR, E. S.; SKAPTADÓTTIR, U. D. “I’ll Always Be a Refugee”: The Lived Experience of Palestinian Refugee Women of Moving to a Small Society in Iceland. **Journal of Immigrant & Refugee Studies**, v.17, n.3, p. 389-404, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15562948.2018.1499065>. Acesso em: 4 abr 2022.

KRISTINSSON, A. P. National language policy and planning in Iceland – aims and institutional activities. **National language institutions and national languages**, Mannheim. p.243-249. 2018. Disponível em: https://ritaskra.arnastofnun.is/media/skraning_pdf/National_language_policy_and_planning_in_Iceland__aims_and_institutional_activities.pdf. Acesso em 28 abr 2022.

MARQUES, G. S. C. Os refugiados da Segunda Guerra e o Brasil: política e recepção (1946-1952). **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio**, Rio de Janeiro, p. 1-10, ago 2016. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/42/1471207551_ARQUIVO_GuilhermedosSantosCavottiMarques.pdf. Acesso em: 07 abr 2022.

MCHENRY-SORBER, E.; SCHAFFT, K. A. ‘Make my day, shoot a teacher’: Tactics of inclusion and exclusion, and the contestation of community in a rural school community conflict. **International Journal of Inclusive Education**, v.19, n.7, p. 733–747, out 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13603116.2014.964571>. Acesso em: 21 abr 2022.

ODDSSON, G. **Class in Iceland**. **Current Sociology**, [S.l.: s.n.], p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/00113921211012740>. Acesso em: 19 abr 2022.

ÓLAFS, H.; ZIELIŃSKA, M. “I started to feel worse when I understood more”: Polish immigrants and the Icelandic media. **Þjóðarspejillinn**, Háskóli Íslands, n.9, p. 76-85. out 2010. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/76740506/76-85_HelgaOlafs_MalgorzataZielinzka_FELMANbok-libre.pdf?1639817025=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DI_started_to_feel_worse_when_I_understo.pdf&Expires=1651606404&Signature=Eo-XHHeV0xBxzWSVGP8bONzY5aKpuWfZguHW2swFoT-Xc9~axgdB6RoCUBZCe00geLjVk4zOngkQ64RaIEYmH6QTr-1GBNJMKPmYykDlo-o6sn-7kcKFJJrg-Q9oEkgPainlVESJ34kQLPo4WAouT2nFCVWjoOM-YJCbPbTN0tx91Ek5WORMk13~A9IBza-JmU4vOt3Qtekz0ZBkPYaTMmB6IMHnLYae4n7GPcQCyRlxbvQYama4kyh0ziE8rIYL3aEJ5~fqTr2R~jQ0NPXBH819Nk-58b~DZ9Ye0afzBoLfYkE92axeldWtjtcci~rjqbzE5pBzww049Row52uz4A__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 18 abr 2022.

ÓLAFSDÓTTIR, H. Integration and adult education for immigrants in Iceland. **Migracje civitas**, [S.l.: s.n.], p.175-186. Disponível em: http://www.migracje.civitas.edu.pl/migracje/images/pdf_eng/chapter%2010.pdf. Acesso em: 21 abr 2022.

ÓLAFSDÓTTIR, K. The Labor Market in Iceland, 2000-2018. **World of Labor**, n.474, p.1-11, 2020. Disponível em: <https://www.econstor.eu/handle/10419/223625>. Acesso em: 21 abr.2020.

RAGNARSDÓTTIR, H. Refugee families in Iceland: opportunities and challenges in schools and society. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, v.15, n.2, p.1-10, dez.2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17482631.2020.1764294>. Acesso em: 17 abr 2022.

SIGURÐARDÓTTIR, G. L. **The Ethics of Asylum Policy: The Case of Iceland**. 2010. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Políticas) — Háskóli Íslands, Reykjavík, 2010. Disponível em: https://skemman.is/bitstream/1946/4747/1/ba_thesis_gls.pdf. Acesso em: 4 abr 2022.

THELIN, A. A.; SOLSTAD, K. J. (2005). Utbildning i glesbygd – samspel eller konflikt? **Forskning i fokus**, Estocolmo, n.27, 2005. Disponível em: <https://libris.kb.se/bib/10042278>. Acesso em: 21 abr 2022.

WOZNICZKA, A. K.; GUÐJÓNSDÓTTIR, H. Working together for the inclusion of immigrant pupils: A case study of a rural community in Iceland. **Education in the North**. University of Aberdeen, v.26, n.2, p. 18-36, 2019. Disponível em: <https://opinvisindi.is/handle/20.500.11815/2573>. Acesso em: 17 abr 2022.

ÞÓRÐARDÓTTIR, E. Þ.; JÚLÍUSDÓTTIR, A. G. Icelandic as a second language: A longitudinal study of language knowledge and processing by school-age children. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v.16, n.4, p. 411–435, jul 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13670050.2012.693062>. Acesso em: 25 abr 2022.